

APRESENTAÇÃO

SERGIO BAPTISTA DA SILVA

EDITOR

Para iniciar este volume 7, número 2 (julho–dezembro, 2013), da **Espaço Ameríndio**, e a seção de **Artigos**, temos um texto de Tim Ingold, da *University of Aberdeen*, Escócia, publicado em 2006, e traduzido por Paula Marcolino. Em *Repensando o animado, reanimando o pensamento*, o autor faz uma reavaliação do animismo indígena e estabelece relações entre ele e o que Ingold denomina “reanimação da tradição do pensamento ‘ocidental’”, propondo uma reconexão entre saber e ser, epistemologia e ontologia, entre pensamento e vida.

Katya Vietta, da Universidade de São Paulo, em seu artigo *Histórias territoriais: a privatização das terras kaiowa como estratégia para a guarnição da fronteira brasileira e outras histórias*, detalha a presença indígena kaiowa na fronteira Brasil–Paraguai, explicitando o “papel do Império/Estado brasileiro como gerador dos conflitos fundiários contemporâneos”. Entretanto, ao entrelaçar narrativas indígenas e não indígenas, não propõe uma etno–história clássica, já que essas narrativas, apesar de complementares no que diz respeito aos seus conteúdos, são totalmente diferentes “quanto ao formato e às noções que abarcam”.

APRESENTAÇÃO

O filósofo, ecologista e escritor David Abram, da *State University of New York*, em *Um mundo além do humano*, publicado originalmente em 1996 e traduzido por Pietra Acunha Pereira, partindo de uma perspectiva animista, leva-nos a uma “terra animada”, marcada por “nossa dependência completa dos inúmeros outros organismos com os quais evoluímos” e por uma “matriz mais do que humana de sensações e sensibilidades”.

Daniela Fernandes Alarcon, da Universidade de Brasília, em *“Construir uma outra aldeia”: vínculos sociais e territoriais no processo de retomada, aldeia Tupinambá de Serra do Padeiro, Bahia*, etnografa e analisa o processo de reterritorialização deste coletivo na última década, destacando os processos de “retomadas de terra” e de “construção da aldeia”, ao mesmo tempo em que demonstra o “fortalecimento dos laços sociais e territoriais do grupo”.

Em seu artigo *A imagem cronicamente imperfeita: o corpo e a câmera entre os Mebêngôkre-Kayapó*, Diego Madi Dias e André Demarchi, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, discutem a “relação entre a prática de vídeo e o regime sócio-cosmológico desse grupo, no âmbito do contato interétnico, destacando a importância da relação entre o corpo e a câmera”.

Rogério Andrade e Simone Becker, ambos da Universidade Federal da Grande Dourados, em *E a chaminé? Relatos etnográficos sobre políticas públicas e a Terra Indígena (TI) de Panambizinho*, no intuito de contribuir para as discussões sobre coletivos ameríndios e políticas públicas, abordam “a experiência dos Kaiowá de Panambizinho junto à iniciativa do governo federal intitulada de “carteira indígena”; à recepção e/ou chegada do fogão ecológico via PNUD e às propostas retiradas do II Seminário de Saúde Mental Indígena ocorrido em Dourados”.

Em *Contatos e Desacatos: os Línguas na Fronteira entre Sociedade Colonizadora e Indígenas (1740 a 1889) – Goiás*, Thiago Cancelier Dias, da Universidade Federal de Goiás, apresenta o processo histórico de formação e atuação destes agentes sociais bilíngues indígenas, discutindo os possíveis espaços por eles ocupados.

Sergio Baptista da Silva, da Universidade Federal do Rio Grande do

APRESENTAÇÃO

Sul, no artigo intitulado *Cartografia Sociocultural de espaços e práticas educativas ameríndios: refletindo sobre a indigenização da escola*, relata uma experiência coletiva e participativa de discussão e construção de instrumentos metodológicos qualitativos para cartografar esses espaços e práticas educativas em terras indígenas. Estas ferramentas pretendem contribuir para uma indigenização da escola ameríndia e promover a introdução de sócio-cosmo-ontologias indígenas nos processos escolares.

Na seção **Autores Indígenas**, Thomas King, professor na Universidade de Guelph, EUA, de ascendência cherokee, grega e alemã, conta-nos, em *Fronteiras*, traduzido por Renata Bertini, sobre a complexa relação com as fronteiras nacionais quando se pertence a ambos os lados. Marta Ramos Oliveira, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, escreveu oportuna nota sobre o autor e sua obra, especialmente para a publicação da presente tradução. Ela consta, no próprio texto de King, como nota de rodapé (n. 2). Nossos agradecimentos a Marta por essa e outras contribuições ao presente número da **Espaço Ameríndio**.

Na seção **Entrevistas**, Widney Pereira Lima, João Daniel Dorneles Ramos e Cristhiano K. da Silva, todos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conversam com Alfredo Wagner Berno de Almeida, idealizador do Programa Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), abordando questões sobre territorialidade e nuances semânticas sobre o conceito de território.

Rojane Brum Nunes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na seção **Resenhas**, apresenta e discute o livro do intelectual indígena Tônico Benites, *A escola na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas*, publicado pela Contra Capa em 2012.

Na seção **Laudos**, apresentamos o *Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena guarani de Araçá'í*, redigido pelo Grupo Técnico instituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI/MJ) pela Portaria 928, de 06/09/2000, cuja coordenação foi exercida pela antropóloga Kimiye Tommasino. Esta importante contribuição antropológica aos estudos sobre territorialidade e aos direitos territoriais indígenas foi concluído em agosto de 2001, e encontrava-se

APRESENTAÇÃO

até o momento de sua publicação na **Espaço Ameríndio** com acesso restrito a potenciais leitores. Uma merecida e mais abrangente divulgação dos estudos, reflexões e conclusões contidos neste laudo foi nosso objetivo em publicá-lo.

Ao finalizar, desejo-lhes uma ótima leitura!

Porto Alegre, dezembro de 2013.
